China

DESAFIO DA SEGURANÇA ALIMENTAR

AS POLÍTICAS agropecuárias, durante décadas, foram indutoras de excedentes na produção dos países industrializados e de estagnação nos países em desenvolvimento. Com as reformas políticas e o crescimento econômico na segunda metade do século passado, os fundamentos da oferta e demanda no setor primário tomaram novo rumo. Essa situação tornou a produção mais orientada para o mercado, com oportunidades para investimentos e de exploração no comércio externo do agro, particularmente nos países em desenvolvimento.

A perspectiva global aponta, no médio prazo, para um incremento mais moroso no aumento da produção agropecuária, diante de uma produtividade ascendente, mas com restrições severas para crescer em área. Se a oferta continuar próxima ou até abaixo da demanda, os preços manter-se-ão relativamente altos. Nessa direção, medidas para reduzir as perdas e desperdícios de alimentos serão importantes para atender a sua demanda dilatada e incrementar a produtividade.

Nesse contexto, com um quinto da população mundial, renda em elevação e uma rápida ampliação no agronegócio, a China foi o foco especial do documento "Agricultural Outlook 2013-22", organizado pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) e pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Tudo isso faz pleno sentido tendo em vista que o desenvolvimento da agricultura chinesa deverá ter maior influência no comportamento do mercado internacional.

Este ano – em particular este ano – é importante para o Brasil, com as eleições para Presidência, governos estaduais e Parlamento. Por isso, esse estudo é de leitura obrigatória por parte dos grupos que assessoram os candidatos. Os asiáticos já são os maiores parceiros comerciais do Brasil e com previsão de participação cada vez mais relevante. É para aquele continente que o governo nacional precisa olhar com atenção prioritária e montar um verdadeiro plano de negócio em parceria com a área privada nacional.

Oportunidades para os países agroexportadores

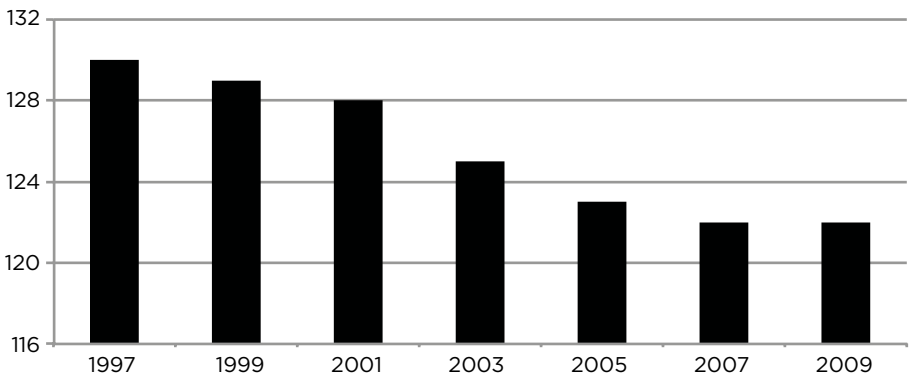
As reformas estruturais promovidas nas políticas agropecuárias chinesas a partir de 1978 trouxeram enormes progressos para o desenvolvimento do país. Houve uma mudança gradual com a transição de uma economia central planejada para outra de mercado socializado. O sistema de gestão coletivo foi substituído pelo familiar individual e autônomo. O próximo passo é manter o processo de migração do campo para a cidade, com liberdade para uma produção em escala maior. É um desafio gigantesco.

Assim, a produção primária passou, nessas últimas três décadas, por uma fase de crescimento inusitado. A produção de grãos cresceu em nove vezes; a de açúcar, em cinco; a de frutas, em trinta e quatro; a de carnes, em oito; a de leite, em dezesseis; e a aquicultura, em trinta e uma. A autossuficiência nacional é elevada nos grãos básicos – trigo, arroz e grãos forrageiros, com taxa variável no intervalo de 95% a 105%. Como a área cultivada com agropecuária apresenta declínio, os ganhos de produtividade terão de continuar, porque todo esse processo tem sido acompanhado por uma demanda vigorosa. Garantir a segurança alimentar faz parte dos programas governamentais do país.

Na verdade, com baixa disponibilidade relativa de área para agricultura e água, a base da segurança alimentar da China é o arroz e o trigo. Apesar de ter a terceira maior área para agricultura do Planeta, a disponibilidade *per capita* é de apenas 0,09 hectares, enquanto a do mundo é de 0,22 hectares. Existem limitações de recursos naturais e de mão de obra, sendo que, em recentes anos, a inflação subiu pressionada pelos preços dos alimentos.

Desde 1992, quando alçou sua marca histórica demográfica mais elevada, de 844 milhões de habitantes, a população rural chinesa declinou para 695 milhões em 2012. Isso significou uma queda líquida de 149 milhões. As projeções indicam uma nova baixa de 100 milhões até 2022. Esses grandes números refletem na mão de obra rural, na estrutura das fazendas, na gestão da terra e, especialmente, na socioeconomia do campo.

CHINA: ÁREA CULTIVADA NA AGROPECUÁRIA (MILHÕES DE HECTARES)



Fonte: National Bureau of Statistics of China

CHINA: POPULAÇÃO DESNUTRIDA (MILHÕES DE HABITANTES)

Período	1990-92	1999-2001	2004-06	2007-09	2010-12
População desnutrida	254	187	176	158	158
% do total	21	14	13	12	12

Fonte: The State of Food Insecurity in the World (2012), FAOSTAT

De acordo com o Banco Mundial, a taxa de pobreza chinesa caiu dramaticamente, de 64%, em 1992, para 12%, em 2009. Em 1990, 254 milhões de pessoas, em torno de 21% da população, eram desnutridos. Nas últimas duas décadas, este contingente caiu para 158 milhões, 12% do total, apesar de a população ter aumentado em 196 milhões. De qualquer forma, a necessidade de reduzi-lo ainda persiste.

De 2001 a 2012, o comércio internacional da agropecuária chinesa passou de US$ 27,9 bilhões para US$ 155,7 bilhões. A taxa de dependência externa praticamente dobrou de valor, de 6,2% para 12,9%. Em 2012, o déficit comercial com alimentos inflou para US$ 31 bilhões. As projeções são de que o consumo crescerá 0,3% acima da produção. Como resultado, o país terá de abrir as suas portas para a entrada de variadas *commodities* alimentares.

Para evitar queda no tamanho das áreas agrícolas, o governo estabelece metas para a produção de trigo, grãos forrageiros, arroz, soja e tubérculos. A partir de 2006, o balanço comercial destes produtos começou a ter valor negativo, com importações superiores às exportações. Nas oleaginosas, tornou-se o maior importador mundial, com 54% do total, que representam a metade do consumo interno em 2011. Essa quantidade importada diminui o impacto sobre a área plantada, que corresponderia a 28 milhões de hectares, de acordo com a produtividade média nacional. De maneira similar, para algodão, açúcar, raízes e tubérculos, a posição de importadora líquida deteriorou, assim como a maior disputa por terras para garantir o plantio de lavouras e a segurança alimentar.

Na produção animal, os níveis de produção estão próximos da autossuficiência para todas as carnes, com exportações líquidas ao redor de 1% a 3% do consumo interno. Mesmo assim, as importações anuais de carne suína alcançam a quantidade expressiva de 600 mil toneladas, que são as maiores no total mundial de 7,8 milhões de toneladas. É praticamente o mesmo tamanho das exportações brasileiras deste produto. Nas importações de produtos lácteos, face aos recentes problemas sanitários na produção doméstica, os registros são de crescimento substancial. Em pescado, o país é exportador líquido e o maior produtor mundial.

Importação para o abastecimento interno

A população chinesa continuará a crescer, porém a uma taxa menor, de 3,0% ao ano, contra 5,0% na década passada. Embora no total cresça em 38 milhões, para 1.392 milhões em 2022, a população urbana sobe mais, em 138 milhões, com renda que era o triplo da rural em 2011. Essa tendência demográfica deverá alterar a dieta das pessoas e a demanda de alimentos, com maior consumo de carnes, lácteos e pescados. As matérias-primas agropecuárias passam por beneficiamento e processamento, enquanto as redes de distribuição são mais exigentes em termos dos alimentos proporcionarem saúde e qualidade nutricional para o consumidor.

No período de 2013 a 2022, espera-se que as importações de grãos oleaginosos cresçam em 40% e atinjam 59% do comércio global. Já as aquisições de açúcar suplantarão o limite de cota permitido pelo país. A área de algodão deverá declinar diante da concorrência da Índia e de outros países vizinhos com custos de produção mais baixos.

O país também será o maior consumidor *per capita* de carne suína, acima da União Europeia. No leite, mesmo com a produção em baixo crescimento, a demanda será crescente em 38%, com aumento na importação de 20%, composta em mais de 82% de produto desnatado e em pó. Na piscicultura, os chineses sustentarão sua posição de líder da produção global, com 63% do total, porém com taxa de expansão correspondente à metade da década anterior.

Questões incertas cercam as previsões chinesas quanto à agricultura para sustentar o alto nível de crescimento econômico. Enquanto as restrições de recursos para produzir aumentam, há variação na produção potencial com as mudanças climáticas e a ocorrência de eventos climáticos extremos. Nesse ambiente de intensa oscilação, é recomendável uma atenção especial e contínua, o monitoramento e a gestão das informações. Na próxima edição, a ***Agroanalysis*** analisará as projeções de produção, consumo, importação e exportação da China até 2022. ■

CHINA: CONSUMO DE ALIMENTOS (QUILO *PER CAPITA*/ANO)

Produto	1990		2000		2011	
	Rural	Urbano	Rural	Urbano	Rural	Urbano
Grãos	262,1	158,4	250,2	99,8	170,7	97,8
Carnes	12,6	25,2	17,2	25,5	20,9	35,2
Lácteos	1,1	4,6	1,1	9,9	5,2	13,7
Pescado	2,1	7,7	9,4	11,7	5,4	14,6
Óleos vegetais	3,5	6,4	5,5	8,2	6,6	9,3
Vegetais	134,0	138,7	106,7	114,7	89,4	114,6

Fonte: National Bureau of Statistics of China